

# ARQUÍLOCO 191 E 193 IEG<sup>1</sup>

## ARCHILOCHUS 191 AND 193 IEG

Paula da Cunha Corrêa<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo são examinados os fragmentos 191 e 193 IEG de Arquíloco: traduções, fortuna crítica, e imagens que associam Eros com a morte e o amante com o guerreiro.

**Palavras-chave:** Arquíloco; poesia jâmbica grega; Eros.

**Abstract:** This paper examines translations, the critical fortune and images that associate Eros with death and the lover with the warrior in Archilochus 191 and 193 IEG.

**Keywords:** Archilochus; greek iambic poetry; Eros.

Arquíloco Fr. 191 IEG<sup>2</sup>: Estobeu 4. 20.43

τοῖος γὰρ φιλόπητος ἔρωσ ὑπὸ καρδίην ἐλυσθεῖς<sup>3</sup>  
πολλὴν κατ' ἀχλὺν ὀμμάτων ἔχευεν<sup>4</sup>  
κλέψας ἐκ στηθέων ἀπαλὰς<sup>5</sup> φρένας.

pois tal desejo de amor, enroscado sob o coração,  
muita névoa sobre os olhos vertia,  
furtando o frágil juízo do peito.

Estobeu 4. 20.43, fonte única desse fragmento, cita os versos de Arquíloco no capítulo *Sobre Afrodite*. Mas é Eros, não a deusa, que figura na citação. Trata-se de uma vigorosa descrição dos efeitos do desejo de amor (Eros) sobre corpo e alma que muitos, desde Liebel (1812: 170), apontaram

---

1 τοῖως M1

2 Professora de Língua e Literatura Grega na USP.

3 ἐλυσθεῖς Estobeu.

4 ἔχευε Brunck (1772), Liebel (1812, 1818<sup>2</sup>), Gaisford (1823), Hoffmann (1898); ἔχευσεν Fick (1888)

5 ἀπαλὰς Meineke in Bergk (1882<sup>4</sup>, 1915), Fick (1888), Hiller (1890), Hoffmann (1898), Hauvette (1905: 150).

como precursora de versos como os de Safo. Esse fragmento, juntamente com o 193 *IEG*<sup>2</sup> examinado a seguir, figura entre os mais célebres da poesia amatória de Arquíloco.

Por questões métricas, alguns acreditavam que 191 *IEG*<sup>2</sup> fazia parte de um grande epodo no qual estariam reunidos todos os fragmentos supérstites de Arquíloco que seguem o mesmo esquema rítmico (188-192 *IEG*<sup>2</sup>)<sup>6</sup>. Porém, não se sabe quantos poemas Arquíloco compôs nesse ritmo e nada indica que todos os versos metricamente semelhantes que nos restaram pertencessem a um só poema.

Campbell (1983: 5) acreditava que “alguns fragmentos de Arquíloco procuram expressar, pela primeira vez, o sentir-se vítima de desejo erótico”<sup>7</sup>. Mas não há como saber quando foi “a primeira vez”. Se tratar de dores e desejos dos indivíduos é um traço genérico privilegiado pela poesia “lírica”, a épica não está isenta deles, embora a sua importância, nesse gênero, seja secundária<sup>8</sup>.

Como resultado dessa abordagem, nota-se que, no fragmento 191 *IEG*<sup>2</sup> de Arquíloco, apesar de a descrição ser feita inteiramente na terceira pessoa e de nada no texto nos indicar quem é o sujeito, a maioria dos tradutores insere em suas versões, arbitrariamente, pronomes de primeira pessoa inexistentes no original, presumindo tratar-se de um discurso em que o poeta “fala de si”<sup>9</sup>: Hauvette (1905: 230 “...mon coeur...mes yeux... ma poitrine ma ...raison”), veja o mesmo em Lasserre e Bonnard (1958), Tarditi (1968), Kirkwood (1974: 41), Fränkel (1975: 144), Barron e Easterling (1985: 82), Carson (1986: 46), Adrados (1990<sup>3</sup>) e Snell (1993<sup>7</sup>). No vernáculo, Faria Coimbra (1941: 87) traduziu: “Tal ardência de amor me entrara no peito... tirando-me de brandos sentimentos...), e Martins de Jesus (2008): “Tal foi o desejo de amor, que me cobriu o coração... sobre meus olhos ... arrebatando do meu peito...”).

6 Tetrâmetro dactílico + itifálico (= o chamado asinarteto) / trimetro jâmbico catalético. Trata-se de um esquema métrico semelhante ao empregado por Horácio na *Ode* 1.4. Para Lasserre (1950: 50, Lasserre e Bonnard 1958), o oitavo epodo de Arquíloco incluiria os fragmentos 188. 1-2, 66, 205, 189, 252, 206-208, 192, 190, 191 (+ 246, 247 L), 209 *IEG*<sup>2</sup> (cf. Adrados 1990<sup>3</sup>). West (1974: 134) julgava possível que os fragmentos 188-191 *IEG*<sup>2</sup> formassem um poema de ódio, cujos ecos ouviríamos em Horácio *Ep.* 8, *Carm.* 4. 13 e Meleagro 60 = AP 5. 204. Bowie (1987: 13-23) acrescenta a esse conjunto o fragmento 192 *IEG*<sup>2</sup>.

7 Veja também Burnett (1983: 80): “Archilochus is not, of course, a poet of romantic love, but he does have some lines that begin to sound, in spite of their traditional phraseology, like later love songs”.

8 Fowler (1987: 7).

9 Cf. Campbell (1983: 5) e Burnett (1983: 80). Dover (1964: 197) foi o primeiro que criticou, com razão, Bonnard (in Lasserre e Bonnard, 1958) por traduzir o fragmento “como se o poeta falasse de si”.

Mas não só ignoramos quem fala e de quem fala, como nada sabemos do contexto, embora quase todos relacionem os versos à narrativa de Arquíloco e as filhas de Licambes, supondo que “Arquíloco” declarasse, em 1ª pessoa, seu amor por Neobula<sup>10</sup>.

Por que o sujeito não poderia ser um homem falando de uma mulher, ou inclusive uma mulher falando de si? Croiset (1913<sup>2</sup>: 189) e Campbell (1983: 6) já aventaram a primeira possibilidade<sup>11</sup>. Se quisermos manter o cenário geralmente eleito (o da “Saga das Licâmbides”), uma candidata, nesse caso, seria Neobula (ou uma de suas irmãs), que “Arquíloco” censura. Mas nada impede que o falante fosse uma mulher e, nesse caso, os versos poderiam ser reminiscências da velha Neobula (cf. 188 IEG<sup>2</sup>), lamentando eventos passados.

Em termos de linguagem, apesar de todos reconhecerem nesses versos vários elementos presentes na épica, as interpretações diferem radicalmente. Para alguns, cada frase seria a imitação de uma fórmula ou de um verso homérico específico. Por exemplo, segundo Page (1964: 138-9), a linguagem do fragmento é “inteiramente tradicional”, o poema chegando a ser uma “concatenação de fórmulas épicas adaptadas aos novos metros” e “não havendo nada de novo no espírito ou no conteúdo dos versos”: “a atualidade do tema, se é que ele é atual – não faz diferença alguma no modo ou em que se diz”<sup>12</sup>. Para Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32), Arquíloco apresenta um realismo conceitual “severamente inscrito no modelo épico”.

Outros supõem que o fragmento faça novo emprego de material homérico<sup>13</sup>. Degani e Burzacchini (2005<sup>2</sup>: 32), sem atenuar o “homerismo” dos versos, alegam que neste poema Arquíloco canta o amor com “novidade e intensidade de acentos”, “com nítida, essencial imediatez que claramente antecipa Safo”<sup>14</sup>, assim como também no fragmento 193 IEG<sup>2</sup>.

10 Segundo Lasserre (in Lasserre e Bonnard, 1958), o fragmento evoca o tempo em que o poeta era apaixonado por Neobula. No entanto, para outros, ele expressa amargura (Kirkwood, 1974: 41: “love turned to bitterness”). Para Hauvette (1905: 230), “Arquíloco” cogita em vingar-se. Gerber (1970: 41) lê os versos como crítica que o poeta dirige a se próprio por sua tolice, por ter-se deixado cegar por amor.

11 Campbell (1983: 6), aparentemente com o intuito de explicar o emprego do epíteto “frágil”, ou “delicado”, para a “mente” do sujeito no terceiro verso (“frágil juízo”), diz: “if the passage is about a girl in love, the word may have been chosen as applicable to the weaker sex – her tender wits; ...”

12 Cf. Barron e Easterling (1985: 82).

13 Broccia (1969: 92). Para Kirkwood (1974: 42), as frases de Arquíloco, por evocarem incidentes homéricos, ganham força pelo contraste.

14 Veja também Gentili e Catenacci (2007<sup>3</sup>: 104) para a comparação de Arquíloco 191 IEG<sup>2</sup> com Safo 2 V.

Fowler (1987: 25-26), por outro lado, reconhece os elementos tradicionais que constituem o poema, mas se recusa a julgar que, ao compor os versos, Arquíloco recorresse deliberadamente a uma palavra ou frase dos poemas épicos, tendo em mente uma passagem específica e com o intuito de criar efeitos intertextuais, como fizeram os poetas tardios.

Restam-nos, portanto, várias perguntas sem resposta: quem fala, de quem fala, e o contexto do poema como um todo.

## v.1

O primeiro verso inicia-se com τοῖος, um termo poético<sup>15</sup> que, apesar de ser um correlativo, emprega-se também de forma absoluta em Homero<sup>16</sup> como, talvez, nesse poema (Marzullo, 1967<sup>2</sup>: 32).

A seguir, a expressão φιλότῆτος ἔρωσ, segundo Jacobs (em Liebel, 1812: 170), é o desejo de sexo. Φιλότῆτος, novamente um termo poético, ocorre em Homero geralmente no sentido de amor sexual<sup>17</sup> e, para ἔρωσ<sup>18</sup> como “desejo”, Brunck (1772) cita o paralelo em Sófocles, *Édipo em Colona* 367<sup>19</sup>. No entanto, nessa expressão, “desejo de eros”, qual o valor do genitivo? A frase é ambígua, porque podemos entender que o desejo tem sua origem em Eros ou é de Eros (possessivo) ou que se trata do desejo por eros = amor/sexo (genitivo objetivo)<sup>20</sup>.

Para a imagem do desejo (ἔρωσ) “enrolado sob o coração” (ὕπὸ καρδίνην ἔλυσθεις), todos citam o episódio homérico em que Odisseu escapa da caverna do Ciclope agarrado a um carneiro, “enrolado sob o ventre” (*Od.* 9. 433 ὑπὸ γαστέρ’ ἔλυσθεις) do animal<sup>21</sup>. Conforme Page (1964: 138), a frase de Arquíloco é uma adaptação da fórmula homérica (*Od.* 9. 433)<sup>22</sup>, e

15 Na prosa, emprega-se antes τοιοῦτος. Veja Page (1964: 138) para τοῖος γάρ como fórmula épica.

16 *Il.* 4. 289, 390, 399 etc.

17 Cf. Liebel (1812: 170), Hauvette (1905: 230), Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32), Degani e Burzacchini (2005<sup>2</sup>: 32): *Il.* 6. 25: μίγη φιλότῆτι καὶ εὐνῇ.

18 Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) nota que, na épica, ἔρος é mais comum que ἔρωσ, a forma empregada por Arquíloco.

19 Cf. Gaisford (1823: 300): *concubitus cupiditas*. Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) repara que o uso de ἔρωσ torna mais explícito o aspecto carnal do amor em φιλότῆτος.

20 Cf. Gerber (1970: 41) e Campbell (1983: 6).

21 Kirkwood (1974: 42) e Carson (1986: 47) citam como paralelo a cena da *Ilíada* 24. 510 na qual Príamo, suplicante, curvado aos pés de Aquiles (ποδῶν Ἀχιλλῆος ἔλυσθεις), recorda Heitor. Assim também, a leitura de Burnett (1983: 80) parece depender desse paralelo.

22 Veja também Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32), Broccia (1969: 87), Degani e Burzacchini (2005<sup>2</sup>: 32).

alguns que consideram a imagem uma referência explícita ao episódio de Odisseu e do Ciclope supõem um certo humor da parte do poeta ao comparar o coração com o ventre.<sup>23</sup> Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) acredita que o passo dependa estruturalmente de Homero e que em Arquíloco o “rigor formal pareceria forçado, não fosse uma imagem ousada”: a do amor enrolado sob o coração, como Odisseu sob o ventre do carneiro. Para Degani e Burzacchini (2005<sup>2</sup>: 32), é desconcertante que Arquíloco, ao criar uma nova e poderosa imagem, tenha emprestado de Homero não apenas os termos e as expressões, mas inclusive a cena de Odisseu. Já observamos que Fowler (1987: 25), porém, não supõe que Arquíloco pretendesse evocar, com essa frase, o episódio homérico na mente dos seus ouvintes, não obstante a força da imagem nos dois poemas.

Portanto, embora não haja consenso quanto à referência explícita ou não a Homero, todos concordam que representar o “desejo de amor” como algo “enrolado sob o coração” seja uma forma surpreendentemente plástica e vigorosa de figurá-la, e uma imagem extraordinária<sup>24</sup>. No pensamento e na poesia arcaica, desejo é Eros, mas a sua presença, no cerne do sujeito, é concebida por Arquíloco como algo que se instala sob o coração (καρδίη<sup>25</sup>).

Outro passo homérico recordado por Liebel (1812: 170), não por uma semelhança formal, mas de sentido, é o do chamado “engano de Zeus”, no décimo-quarto canto da *Ilíada*, quando o Zeus chama Hera para o leito (*Il.* 14. 315-16):

οὐ γάρ πώ ποτέ μ' ὦδε θεᾶς ἔρος οὐδὲ γυναικός  
θυμὸν ἐνὶ στήθεσσι περιπροχυθεὶς ἐδάμασεν.

“Eros jamais, por deusa ou mulher, desse modo  
circunflamou meu coração e o domou no peito.”<sup>26</sup>

Cita-se também com frequência o verso do *Escudo de Héracles* 41, considerado por Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) como imitação de Arquíloco. Anfitrião, ao retornar de seus trabalhos, procurou imediatamente a sua esposa:

23 Cf. Campbell (1983: 6) e Harvey in Fowler (1987: 26): “Archilochus’ manner throughout is ironic or, as Harvey says, mock-heroic.”

24 Cf. Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32), Broccia (1969: 87), Degani e Burzacchini (2005<sup>2</sup>: 32), Fowler (1987: 26).

25 Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) nota que καρδίη é mais comum na épica homérica, embora καρδίη ocorra em *Il.* 2. 452, 11. 12, 14. 152.

26 Tradução de Haroldo de Campos (2002), ligeiramente modificada.

τοῖος γὰρ καρδίην πόθος αἶνυντο ποιμένα λαῶν.

“pois tal anseio apoderou-se do coração do pastor das tropas”.

Nícias, *AP* 7. 200.1, e Apolônio de Rodes, 3. 281, 296, são citados como emulações helenísticas de Arquíloco. Mas o verso de Nícias (*AP* 7. 200.1: ὑπὸ πλάκα κλῶνος ἔλυσθεις) tem pouco de Arquíloco 191.1 *IEG*<sup>2</sup> e, em Apolônio de Rodes 3. 281, quando Eros se enrola aos pés de Jasão (ὑπὸ βαιὸς ἔλυσθεις), a imagem mais lembra a de Príamo aos pés de Aquiles na *Iliáda* 24. 510 (cf. nota 20 *supra*). No entanto, em seguida, quando o narrador em Apolônio 3. 296-8 retrata Eros, pernicioso, enrolado sob o coração de Medeia, os versos apresentam vários elementos presentes em Arquíloco 191 *IEG*<sup>2</sup>. Há o correlativo τοῖος no início do verso, a expressão “enrolado sob o coração”, ligeiramente modificada (ὑπὸ κραδίῃ εἰλυμένος), e o epíteto ἀπαλός (“frágil”), que em Apolônio qualifica as faces, não o juízo da vítima de Eros (3. 296-8):

296 τοῖος ὑπὸ κραδίῃ εἰλυμένος αἶθετο λάθρη  
οὔλος<sup>27</sup> Ἔρως ἀπαλός δὲ μετετρωπᾶτο παρειὰς  
ἔς χλόον, ἄλλοτ’ ἔρευθος, ἀκηδεῖησι νόοιο.

“desta forma, sob seu coração se envolvendo, ardia secretamente o funesto Eros. E seu tenro rosto se transformava, ora pálido, ora ruborizado, com o entorpecimento de sua razão.”<sup>28</sup>

Em Arquíloco 191 *IEG*<sup>2</sup>, como em Apolônio 3. 298, Eros acarreta o prejuízo da razão (νόος), e semelhança dos passos pode dar força a um argumento a favor de uma personagem feminina em Arquíloco 191 *IEG*<sup>2</sup>, ao qual Apolônio estaria comparando Medeia.

## v.2

No segundo verso de Arquíloco 191 *IEG*<sup>2</sup>, descreve-se a ação do “desejo de amor” que, a partir de sua posição central e interna, enrolado sob

27 Seria fortuita a ambiguidade suscitada pelo adjetivo οὔλος empregado para caracterizar Eros, uma vez que οὔλος significa “destrutivo”, pernicioso (A), ou “lanoso” (B), como a lã do carneiro (Aristóteles *HA* 596 b 6), o que pode evocar o episódio da fuga de Odisseu sob o carneiro do Ciclope (*Od.* 9)?

28 Tradução de F. Rodrigues Jr. (2005).

o coração da personagem, age sobre membros periféricos: “muita névoa dos olhos vertia”. O emprego do imperfeito sublinha o caráter repetitivo ou paulatino da ação do desejo que ofusca a vista.

Safo 31 V descreve a cegueira que a amante sofre ao ver sua amada: “com os olhos nada vejo” (ὀππάτεσσι δ’ οὐδ’ ἐν ὑπαδεδρόμηκεν), além de outros efeitos físicos que a aproximam da sensação de morte. Em Arquíloco 191. 2 IEG<sup>2</sup> é espessa névoa<sup>29</sup> que Eros derrama sobre os olhos do/a amante, semelhante à ação da Morte na fórmula homérica κατὰ δ’ ὀφθαλμῶν κέχυτ’ ἀχλύς: *Il.* 5. 696 (onde o herói quase morre) e 16. 344<sup>30</sup>. É também no contexto de morte que Apolônio emprega ἀχλύς na *Argonáutica* 4. 1524 (πολλὴ κατ’ ὀφθαλμῶν χέετ’ ἀχλύς) para descrever a morte de Mopso.

Que os olhos sejam veículos do amor é lugar comum na literatura grega, assim como é frequente a noção de que Eros neles resida. Em Arquíloco 191 IEG<sup>2</sup>, porém, Eros instala-se enrolado sob o coração do sujeito e o debilita, impedindo o funcionamento normal de órgãos de percepção (olhos) e sedes de funções intelectivas/emotivas (φρένες)<sup>31</sup>.

Alguns consideraram a expressão de Arquíloco, “névoa sobre os olhos vertia” (κατ’ ἀχλὺν ὀμμάτων ἔχευεν), uma adaptação da fórmula homérica<sup>32</sup>. Nota-se, porém, que na *Ilíada* a névoa se espalha sobre os olhos na proximidade da morte (*Il.* 5. 696), ou com a própria morte (*Il.* 16. 344), e sobre os olhos de quem vê a morte de um ente querido (*Il.* 20. 421<sup>33</sup>), ou ainda por agência de Poseidon (*Il.* 20. 321), mas não por Eros<sup>34</sup>.

Portanto, se na tradição poética jônica anterior a Arquíloco a frase era comum para descrever a morte de guerreiros, ao inseri-la em contexto de

29 Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32): o substantivo ἀχλύς é geralmente usado no sentido figurado, como aqui, e significa “névoa” propriamente apenas na *Odisseia* 7. 41, 19. 357. Arquíloco emprega a forma ὀμμάτων e não ὀφθαλμῶν por motivos métricos, segundo Page (1964: 138).

30 Em contexto diverso, em *Il.* 20. 321, Poseidon derrama névoa sobre os olhos de Aquiles para que o herói não veja as suas ações: κατ’ ὀφθαλμῶν χέεν ἀχλύν. Veja também Platão *Alc.* 150d-e para a névoa (ἀχλύς) que ofusca a razão. Em *Crítias* 6. 10-12 IEG<sup>2</sup>, névoa encobre os olhos, perde-se a memória e a razão por excesso de vinho e, em Apolônio 3. 725-6 φοινίχθη δ’ ἄμυδις καλὸν χροῖα, κὰδ δέ μιν ἀχλύς | εἶλεν ἱαινομένην, a névoa é efeito da emoção de Medeia.

31 Posteriormente, entre I a. C. - I d. C., em Cáriton, *Calíroé* 2.4 e 3.3, a névoa (ἀχλύς) encobre os olhos de Dionísio por efeito de forte emoção.

32 Cf. Page (1964: 138). Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) também cita como homéricos a tmese (κατ’... ἔχευεν), o emprego de ὀμματα no plural, como em Homero e Hesíodo, e o substantivo ἀχλύς.

33 Page (1964: 138) observa o “contexto emocional” de *Il.* 20. 421 (κάρ ῥά οἱ ὀφθαλμῶν κέχυτ’ ἀχλύς): Heitor vê Polidoro, com as entranhas nas mãos, rolar por terra e morrer. A imagem da névoa cobrindo os olhos, empregada em associação com a morte em *Il.* 5. 696, 16. 344, *Od.* 20. 357, 22. 88, ocorre em *Il.* 20. 421 para quem contempla a morte.

34 Para a associação de ἀχλύς com a morte, veja ainda o *Escudo* 264, *Êsquilo Pers.* 669 e *Nono Dion.* 28. 109.

poesia amatória, Arquíloco não apenas acena para a associação entre Eros e morte, como também evoca o contexto do amor como guerra: Eros age como um guerreiro que, em emboscada (enrolado sob o coração<sup>35</sup>), tolhe a visão e espolia o juízo do peito. A linguagem épica assemelha o/a amante a um guerreiro que sucumbe. Esse recurso é mais explícito no fragmento 193 IEG<sup>2</sup>, examinado a seguir.

É notável que, ao narrar na *Argonáutica* como os olhos de Medeia se enevoaram (3. 962-3 ὄμματα δ' αὐτῶς ἤχλυσαν), Apolônio não empregou a imagem em seu contexto épico mais comum, isto é, na ocasião de morte de guerreiros, mas para descrever os efeitos de uma paixão amorosa, como o fizera Arquíloco:

ἐκ δ' ἄρα οἱ κραδίη στηθέων πέσεν, ὄμματα δ' αὐτῶς  
ἤχλυσαν, θερμὸν δὲ παρηίδας εἶλεν ἔρυνθος·  
γούνατα δ' οὔτ' ὀπίσω οὔτε προπάροιθεν αἰέριαι  
965 ἔσθενεν, ἀλλ' ὑπένερθε πάγη πόδας.

“Seu coração saltava do peito, seus olhos  
cobriam-se de névoa, um rubor quente lhe tomava as faces.  
Para erguer os joelhos nem para trás nem para frente  
965 tinha força, mas havia um laço sob seus pés.”<sup>36</sup>

### v.3

Embora sejam atos distintos, o sequestro do “frágil juízo do peito” no terceiro verso relaciona-se com a cegueira descrita no verso anterior: após ter furtado (κλέψας<sup>37</sup>) o juízo, a névoa é vertida no que não parece ser simples sequência temporal, mas em efeito causal. É como se os olhos fossem obscurecidos porque o juízo foi espoliado do corpo<sup>38</sup>.

Φρένες, trazidos aqui por “juízo”, são também sedes de paixões que o “desejo de amor” retira de dentro do “peito” (στηθέων<sup>39</sup>). Esse “juízo” é qualificado pelo adjetivo ἀπαλός (“frágil”, “delicado”), que se emprega em

35 Marzullo (1967<sup>2</sup>: 32) compara a frase “enrolado sob o coração” com a imagem do guerreiro agachado, protegido sob o seu escudo *Il.* 13. 405, Calino 1. 10 IEG<sup>2</sup>.

36 Tradução de F. Rodrigues Jr. (2005), ligeiramente alterada.

37 κλέψας ἐκ é início de verso no *Hino Homérico a Hermes* 340.

38 Para Broccia (1969: 89), ao contrário, há simultânea perda de visão e razão, e ele cita como exemplos homéricos dessa simultaneidade *Il.* 14. 518, 22. 466.

39 Page (1964: 138) nota que a forma do genitivo plural empregado (στηθέων) é habitualmente evitada na épica homérica, ocorrendo apenas em *Il.* 10. 94.



Homero geralmente para as partes do corpo humano, mas que também qualifica o coração (ἦτορ) dos filhotes de corça que um leão, em um símile iliádico, arranca, *Il.* 11. 115:

ἐλθὼν εἰς εὐνήν, ἀπαλὸν τέ σφ' ἦτορ ἀπηύρα

“...no redil, lhes retira o *tenro* coração”<sup>40</sup>.

Na hipótese de que os versos se refiram a uma jovem (Neobula, ou sua irmã mais moça?), a tenra idade e inexperiência contribuiriam para a fragilidade de seu juízo.

O epíteto ἀπαλός em Arquíloco 191 IEG<sup>2</sup> foi vertido de diversas maneiras<sup>41</sup>. Broccia (1969: 90) não o considera como um atributo permanente e constitutivo dos φρένες, mas circunstancial. Eros é o que os torna “frágeis”. É também possível que o adjetivo tenha por função contrastar a impotência (ἀμηχανία) do juízo humano diante da força de Eros que o subjuga<sup>42</sup>. Na *Iliada*, por exemplo, Páris chama Helena para o leito (*Il.* 3. 442):

οὐ γάρ πώ ποτέ μ' ὥδέ γ' ἔρωσ φρένας ἀμφεκάλυψεν

“.....que Eros, nunca, tanto me enublou de paixão os sentidos;...”<sup>43</sup>

No episódio do “engano de Zeus”, Afrodite entrega a Hera um cinto mágico para que ela seduza Zeus (*Il.* 14. 216-7):

40 Tradução de Haroldo de Campos (2002). É possível que o adjetivo ἀπαλὸν qualifique o coração de animais nesses versos homéricos por se tratar de um símile. Termos habitualmente empregados para os seres humanos também se referem a animais no símile das águias na *Iliada* e no *Agamêmnon* de Ésquilo (cf. Corrêa 2010: 47-118). Kirkwood (1974: 42) nota que o adjetivo emprega-se usualmente para as partes externas do corpo e que a transferência operada por Arquíloco é forte.

41 Segundo Gerber (1970: 41), o adjetivo em Arquíloco 191 IEG<sup>2</sup> significa “fraco” ou “frágil”, não “tenro”. Totalmente diversa é a interpretação de Hauvette (1905: 229) que lê ἀταλὰς e o verte como “vigoroso”. Em diversos passos, o epíteto ἀταλός qualifica como “tenra” a mente dos jovens, como no símile supracitado (*Il.* 11. 115). Nesse sentido, veja também *Il.* 18. 567, Hesíodo *Th.* 989: παῖδ' ἀταλὰ φρονέοντα φιλομειδῆς Ἀφροδίτῃ | ὥρτ' ἀνερειψαμένη ..., e no *Hino Homérico a Deméter* 24: Περσαιή θυγάτηρ ἀταλὰ φρονέοντα.

42 Cf. Arquíloco 196 IEG<sup>2</sup>.

43 Trad. Haroldo de Campos (2002). Veja também a fala de Zeus (*Il.* 14. 315-6).

ἐνθ' ἐνὶ μὲν φιλότῃς, ἐν δ' ἱμερος, ἐν δ' ὀαριστύς  
 πάρφασις, ἥ τ' ἔκλεψε νόον πύκα περ φρονεόντων.

“... lá  
 o amor e o impulso de eros; o enlace de núpcias  
 e o enlevo sedutor, que mesmo aos sábios faz  
 perder o juízo.”<sup>44</sup>

Como bem argumenta Fowler (1987: 25), não se deve supor que esses versos de Homero fossem o modelo de Arquíloco 191 *IEG*<sup>2</sup>, cuja formulação revela diferenças. Fowler (loc. cit.) nota ainda que o verso homérico é gnômico e que a “capacidade do amor ludibriar suas vítimas já seria tradicional”<sup>45</sup>. A freqüência com que a expressão “roubo da mente” (κλέψαι νόον) ocorre indica um “lugar comum”, presente não apenas em Homero, mas também na *Teogonia* hesiódica 613<sup>46</sup>, Semônides 42 *IEG*<sup>2</sup><sup>47</sup> e nas *Coéforas* 854<sup>48</sup> de Ésquilo.

A descrição do amor como algo exterior ao sujeito, que o desmembra, subtrai a mente e confunde os sentidos, encontra-se na literatura grega desde Homero. Embora tais elementos sejam apontados como mais tipicamente “líricos”<sup>49</sup>, vimos como o poeta já teria a seu dispor, na tradição épica jônica, noções e expressões semelhantes a essas. Assim, um efeito do recurso à linguagem épica no fragmento 191 *IEG*<sup>2</sup> é a associação de Eros com a morte, e do amante com o guerreiro.

*Arquíloco Fr. 193 IEG<sup>2</sup>: Estobeu 4. 20.45*

δύστηνος ἔγκειμαι πόθῳ,  
 ἄψυχος, χαλεπήσι θεῶν ὀδύνησιν ἔκῃτι  
 πεπαρμένους δι' ὀστέων.

"mísero estou, com desejo,  
 sem vida, com dores atrozes, por vontade divina,  
 trespassado até os ossos."

<sup>44</sup> Tradução de Haroldo de Campos (2002).

<sup>45</sup> O significado da frase em *Il.* 1. 132, citado como um paralelo por Fowler (1987: 25), é, porém, diverso: não é o sujeito que se vê privado da razão, mas ele próprio é quem “oculta suas intenções”, como Hermes (*Hino Homérico a Hermes* 413).

<sup>46</sup> Hesíodo, *Th.* 613: ὣς οὐκ ἔστι Διὸς κλέψαι νόον οὐδὲ παρελθεῖν.

<sup>47</sup> Semônides 42 *IEG*<sup>2</sup>: ρεία θεοὶ κλέπτουσιν ἀνθρώπων νόον.

<sup>48</sup> Ésquilo, *Co.* 854: οὔτοι φρέν' ἄ<ν> κλέψειεν ὠμματομένη.

<sup>49</sup> Cf. Fowler (1987: 26) e Arquíloco 196, 193 *IEG*<sup>2</sup>; Safo 1. 31 V, Anacreonte 413 *PMG*.

Assim como o fragmento 191 IEG<sup>2</sup> de Arquíloco, esses versos também tem como fonte única Estobeu, que os arrolou entre os poemas *Sobre Afrodite* (4. 20.45). Outra característica que partilham com o fr. 191 IEG<sup>2</sup> é o imaginário, proveniente da associação do amor com a morte e do amante com o guerreiro<sup>50</sup>.

## v.1

A primeira palavra do fragmento anuncia o tom do poema: “mísero” (δύστηνος<sup>51</sup>). Nesse epodo, composto de hexâmetro dactílico e dímetro jâmbico, ao contrário do que ocorre no fragmento 191 IEG<sup>2</sup>, temos indiscutivelmente uma declaração do sujeito em primeira pessoa do singular (ἔγκειμαι). O verbo ἔγκειμαι não é, porém, “desprovido de cor”<sup>52</sup>, pois emprega-se para o que envolve os mortos (*Il.* 23. 513, Heródoto 2. 73<sup>53</sup>), além de evocar as associações com a morte que o verbo κείμαι suscita.

O sujeito está prostrado “com desejo” (πόθωι)<sup>54</sup>. Marzullo (1967<sup>2</sup>: 31) e Gerber (1970: 40) notam que em Homero πόθος é saudade, nostalgia, não desejo, como em Arquíloco. Mas saudade é desejo do que está distante no tempo ou espaço. Assim, pode-se dizer que πόθος é também uma forma de desejo<sup>55</sup>. No verso 196 IEG<sup>2</sup>, Arquíloco revela a força desmembradora de πόθος sobre o sujeito:

ἀλλά μ' ὁ λυσιμελής, ὦταϊρε, δάμναται πόθος<sup>56</sup>

"Mas o desejo solta-membros, ó companheiro, subjuga-me"

50 Lasserre (1950: 185) supunha que os versos teriam inspirado Horácio no início de seu Epodo 14, composto no mesmo esquema métrico e, consequentemente, ele insere esse fragmento em sua restauração de Arquíloco, Epodo 12, que consistiria apenas desse fragmento e de um testemunho de Malalas (p. 68.1 Dindorf, fr. 305). Adrados (1990<sup>3</sup>: 52) discorda da interpretação de Lasserre e sugere que o fragmento talvez fizesse parte do epodo seguinte, no qual o poeta teria ameaçado os seus rivais com a narrativa da morte de Neso.

51 Page (1964: 141), que considera a fraseologia do fragmento uma “adaptação e extensão de fórmulas tradicionais”, afirma que δύστηνος é “uma palavra homérica comum”. Trata-se de um termo poético que qualifica, aqui e em Homero, seres humanos (Marzullo, 1967<sup>2</sup>: 31).

52 Campbell (1983: 5).

53 Page (1964: 141) considera o emprego desse verbo com o dativo como uma das poucas inovações no poema.

54 Para ἔγκειμαι πόθωι, cf. Sófocles *Ph.* 1318, Eurípides *Íon* 181, Teócrito *Id.* 3. 33: ἐγὼ μὲν τὴν ὅλος ἔγκειμαι. Alguns têm o dativo como causal, mas aqui constrói-se com ἔγκειμαι (cf. Gerber, 1970: 40, e Gentili-Catenacci 2007<sup>3</sup>).

55 Cf. Burnett (1983: 80).

56 Hefestião *Ench.* 15. 9.

Nas *Mulheres na Assembléia* de Aristófanes 956-7, a moça que deseja Erígenes emprega também πόθος e ἔγκειται, em uma só frase, quando diz:

956 ἄτοπος δ' ἔγκειταί μοί τις  
πόθος, ὅς με διακναίσας ἔχει.

“extraordinário é o desejo que em mim  
jaz, que me lacera e possui.”

## v.2

Essa é a primeira ocorrência de termo ἄψυχος (“sem vida” ou, mais literalmente, “sem-*psykhē*”) na literatura supérstite e o segundo epíteto usado pelo sujeito para se descrever<sup>57</sup>. Neste fragmento de Arquíloco, mais claramente do que em 191 IEG<sup>2</sup>, o estado do amante compara-se com a morte, momento em que a *psykhé*, o sopro de vida, deixa o corpo pela boca, pelas narinas ou feridas, e parte para o Hades.

Da tradição épica jônica vem o uso do adjetivo χαλεπός (“atroz”) para qualificar as dores (ὀδύνησιν)<sup>58</sup> que podem ser tanto físicas<sup>59</sup>, quanto mentais<sup>60</sup>. Que essas dores – efeito do desejo – são enviadas pelos deuses, evidencia-se pela expressão θεῶν.... ἔκητι (“por vontade dos deuses”<sup>61</sup>). Em Álcman 59<sup>a</sup> PMGF, Eros atua por vontade (φέκατι) da Cípria:

Ἔρωσ με δεῦτε Κύπριδος φέκατι  
γλυκὺς κατεΐβων καρδίαν ἰαίνει

"Eros, novamente, por vontade da Cípria,  
Derramando-se, doce, aquece-me o coração."

57 O adjetivo ἄψυχος se destaca em início de verso, assim como δύστηνος, o primeiro adjetivo, sendo os dois trissílabos que rimam em -os e têm assonância em *úpsilon*.

58 No *Hino Homérico a Apolo* 358, atrozos são também as dores da serpente Tifão, trespassada pela flecha de Apolo: ὀδύνησιν ... χαλεπήσι.

59 *Od.* 9. 440, 17. 567; *Il.* 11. 398, etc.

60 *Il.* 15. 25; *Od.* 1. 242, 2. 79 etc.

61 Cf. Píndaro *I.* 4.1. Page (1964: 141) nota que ἔκητι ocorre três vezes na *Odisseia*, duas vezes nos *Hinos*. ἔκητι emprega-se na *Odisseia* apenas com referência a divindades (na *Ilíada*, ἰότητι), frequentemente posposto, mas na lírica e tragédia refere-se também a objetos. Em Arquíloco, ἔκητι (forma homérica e jônica) constrói-se com genitivo, como em Homero, mas o digama não é observado.

Mas, ao contrário do que ocorre em Arquíloco 193 IEG<sup>2</sup>, em Álcman 59<sup>a</sup> PMGF a ação de Eros é doce. Eros tem por epíteto γλυκύπικρον (“doce-amargo”) em Safo 130 V, mas nestes versos de Arquíloco ele revela o seu aspecto mais acerbo.

### v.3

Na épica jônica, a descrição do guerreiro com os ossos trespassados por espadas, lanças ou flechas é frequente<sup>62</sup> e a expressão “trespassada por dores” ocorre, posteriormente, em outros contextos<sup>63</sup>. Mas a imagem dos ossos trespassados por dores de amor ou por desejo não é comum no período arcaico<sup>64</sup>. Portanto, Arquíloco recorre a uma expressão da narrativa marcial para descrever a agonia do amante. Se no primeiro verso e no início do segundo o desejo afeta a alma, deixando o sujeito infeliz e “sem ânimo”, no restante do segundo e terceiro versos, as dores que causa são físicas e lancinantes, atravessando-lhe os ossos.

Para Kirkwood (1974: 42-43), o fragmento 193 IEG<sup>2</sup> é uma “afirmação altamente pessoal e não-épica”, e ele compara os versos de Arquíloco com a *Ilíada* 5. 399, da qual ele acredita que o segundo verso do poeta pário “venha diretamente”. No entanto, apesar das semelhanças entre Arquíloco 193. 2 IEG<sup>2</sup> e a *Ilíada* 5. 399, é difícil supor tratar-se de alusão deliberada; há outras expressões comparáveis na *Ilíada* (cf. nota 61), no *Hino Homérico a Apolo*, e nenhum dos paralelos citados é idêntico.

Muitos apontaram para as fortes imagens por meio das quais se expressa o desejo amoroso nos fragmentos 191 e 193 IEG<sup>2</sup> de Arquíloco, que antecederiam as de poetas líricos posteriores e, particularmente, as de Safo<sup>65</sup>. Nesses dois fragmentos, Arquíloco apresenta os efeitos negativos do amor e do desejo que subjuga o sujeito, prejudica suas capacidades, visão e juízo, infligindo-lhe dores tanto na carne, quanto no espírito, pois em Arquíloco a dor é também física, atravessa os ossos.

62 Cf. *Il.* 4. 460, 11. 97: o golpe de Agamêmnon vara seu adversário δι’ ... ὀστέου. Alguns consideram a frase em Arquíloco formular, citando *Il.* 5. 399 sobre Hades, trespassado por flecha (ὀδύνησι πεπαρμένος) e o *Hino Homérico a Apolo* 358, cf. nota 57 acima.

63 Veja, por exemplo, no *Hino Homérico a Apolo* 92 ὠδίνεσσι πέπαρτο para as dores de parto de Leto e, para as dores de Medeia, na *Argonáutica* de Apolônio de Rodas 1067: πεπαρμένον ἀμφ’ ὀδύνησιν.

64 As primeiras ocorrências supérstites das flechas de Eros ocorrem no período clássico, em Eurípides, *I.A.* 548-9, *Hipp.* 530.

65 Hauvette (1905: 229, 252), Lasserre e Bonnard (1958), Marzullo (1967<sup>2</sup>: 31), Gerber (1970: 40), Campbell (1983: 5) e Fowler (1987: 26).

## BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos I: Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos*. Barcelona: Alma Mater, 1956-1959 (1a ed.). Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas: 1990 (3a ed.).
- BARRON, J. P. e EASTERLING, P. E. Archilochus. in P. Easterling e B. M. W. Knox, *The Cambridge History of Classical Literature I. Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BERGK, T. *Poetae Lyrici Graeci*, vol II. Leipzig, B. G. Teubner, 1882 (4a ed.), 1915.
- BOWIE, E. “One that got away: Archilochus 188-192W and Horace, Odes 1.4 e 5”, em *Homo Viator: Classical Essays for John Bramble*. Bristol: Bristol Classical Press; Oak Park: Bolchazy-Carducci, 1987. p. 13-23.
- BROCCIA, G. *Tradizione Ed Esesi: Studi Su Esiodo E Sulla Lirica Greca Arcaica*. Brescia: Paideia, 1969.
- BRUNCK, R. F. P. *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. Estrasburgo: Argentorati, 1772, vol. I.
- BURNETT, A. P. *Three Archaic Poets: Archilochus, Alcaeus, Sappho*. Londres: Duckworth, 1983.
- CAMPBELL, D. A. *The Golden Lyre; the Themes of the Greek Lyric Poets*. Londres: Duckworth, 1983.
- CAMPOS, H. de. *Iliada de Homero*. Trad. São Paulo: Mandarim, 2001, vol. I.
- CAMPOS, H. de. *Iliada de Homero*. Trad. São Paulo: Arx, 2002, vol. II.
- CARSON, A. *Eros the Bittersweet: An Essay*. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- CORRÊA, P. Da Cunha, *Um Bestiário Arcaico. Fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- CROISET, A. e M. *Histoire de la littérature grecque*. Paris: E. Thorin, 1913 (2a Ed.).
- DAVIES, M. *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*. New York: Oxford University Press, 1991.
- DEGANI, E. e BURZACCHINI, G. *Lirici Greci*. Agg. bibliografico a cura di M. Magnani. Bologna: Pàtron Ed., 2005 (2a ed.).
- DOVER, K. J. “The Poetry of Archilochus”, in *POUILLOUX*, 1964, p. 183-212.
- De FALCO, V. e A. de FARIA COIMBRA, Os Elegíacos Gregos de Calino a Crates. São Paulo: Brusco, 1941.
- FICK, A. F. Die Sprachform der altionischen und altattischen Lyrik, in *Beiträge zur Kunde der Indogermanischen Sprachen*, 13, 1888, p. 173-221.

- FOWLER, R. L. *The Nature of Early Greek Lyric. Three Preliminary Studies*. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1987.
- FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy: a history of Greek epic, lyric, and prose to the middle of the fifth century*. Trad. M. Hadas e J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.
- GAISFORD, T. *Poetae Minores Graeci*. Leipzig: Kühn, 1823, vol. I.
- GENTILI, B. e C. CATENACCI. *Polinnia; Poesia Greca Arcaica*. Messina-Firenze: Casa Editrice G. D'Anna, 2007 (3ª ed.).
- GERBER, D. E. *Euterpe: An Anthology of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Amsterdã: Adolf M. Hakkert, 1970.
- HAUVETTE, A. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: Fontemoing, 1905.
- HILLER, E. *Anthologia Lyrica Graeca sive Lyricorum Graecorum Veterum praeter Pindarum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1890.
- HOFFMANN, O. *Die griechischen Dialekte in ihrem historischen Zusammenhange (III): Der Ionische Dialekt*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1898.
- KIRKWOOD, G. M. *Early Greek Monody*. Ítaca e Londres: Cornell University Press, 1974.
- LASSERRE, F. *Les Épodes d' Archiloque*. Paris: Belles Lettres, 1950.
- LASSERRE, F. e BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris: Belles Lettres, 1958.
- LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. Leipzig, Sommer, 1812; Viena: Johann Bartholomäus Zweck, 1812, 1818 (2a ed.).
- MARTINS de JESUS, C. A., *Arquíloco; Fragmentos Poéticos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.
- MARZULLO, B. *Frammenti della lirica greca*. Florença: Sansoni, 1965-1967 (2a ed.).
- PAGE, D. L., “Archilochus and the Oral Tradition”, in POUILLOUX, 1964, pp. 118-79.
- POUILLOUX, J. et al. *Archiloque: Sept exposés et discussions*. “Entretiens sur l'Antiquité Classique X” (Vandoevres, Genebra, 26/8-3/9/1963). Genebra: Fondation Hardt, 1964.
- RODRIGUES Jr., F., *Epopéia e Poesia Alexandrina: Estudo e Tradução do Canto III das Argonáuticas de Apolônio de Rodes*. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas, USP, FFLCH-DLCV, 2005.
- SNELL, B. *Die Entdeckung des Geistes; Studien zur Entstehung des europäischen Denkens bei den Griechen*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1993 (7a ed.).
- TARDITI, G. *Archiloco*. Roma: dell' Ateneo, 1968.

WEST, M. L. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlim, Nova York: de Gruyter, 1974.

Siglas de edições:

IEG<sup>2</sup> - WEST, M. L., *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*. Oxford University Press, Oxford, 1998 (2ª edição)

PMGF - DAVIES, M. *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*. Oxford University Press, New York, 1991.

V - VOIGT, E.-M., *Sappho et Alcaeus*. Athenaeum-Polak & Van Gennep, Amsterdam, 1971.

*Recebido em: 30/11/2015. Aceito em: 01/03/2016.*